

Jorge Luis Borges

Perante o Aleph, onde cabem todas as mágicas possibilidades de uma realidade especular de outra instância superior, não podemos estranhar que esta apresentação tenha lugar precisamente no Salão Nobre da Universidade de Alcalá de Henares, onde Borges, recebeu, ao lado de Gerardo Diego, o prêmio Cervantes.

É impossível descrever a emoção que me embarga ante este sonho que começa a ser realidade graças à ajuda e à boa vontade e ao amor de tantos amigos. Esse amor que prodigalizaram a Borges em vida e do qual me fazem herdeira, esse amor que, através da admiração por sua obra, permitirá a modificação da morte em um centro de energia do qual Borges, como Homero, como Dante, como Cervantes, continuará sonhando-nos, em um infinito jogo de reflexos.

Aos que hoje iniciam comigo esta maravilhosa vereda de paz, de harmonia e de razão, sonho que Borges desejou fosse profético para o mundo, em "Os Conjurados" — carta magna da Fundação Internacional Jorge Luis Borges —, só me resta dizer-lhes: obrigada.

María Kodama

Texto lido por María Kodama, em 11 de dezembro de 1989, no Salão Nobre da Universidade de Alcalá de Henares, no ato de apresentação da Fundação Internacional Jorge Luis Borges, e editado como introdução à edição fac-similar do manuscrito de *O Aleph* publicada em 1990 pela Universidade de Alcalá de Henares.

Tradução de Teresa Cristófani Barreto.

O IMORTAL

Salomon saith: "There is no new thing upon the earth". So that as Plato had an imagination, "that all knowledge was but remembrance"; so Salomon giveth his sentence, "that all novelty is but oblivion".

FRANCIS BACON: *Essays LVIII.*

Em Londres, no começo de junho de 1929, o antiquário Joseph Cartaphilus, de Esmirna, ofereceu à princesa de Lucinge os seis volumes em quarto-menor (1715-1720) da *Iliada* de Pope. A princesa adquiriu-os; ao recebê-los, trocou algumas palavras com ele. Era, diz-nos, um homem muito magro e terroso, de olhos apagados, barba cinzenta e traços singularmente vagos. Desempenhava-se com fluidez e ignorância em diversas línguas; em poucos minutos, passou do francês para o inglês e do inglês a uma conjunção enigmática de espanhol de Salonica e de português de Macau. Em outubro, a princesa ouviu de um passageiro do *Zeus* que Cartaphilus havia morrido no mar, ao regressar a Esmirna, e que o enterraram na ilha de Ios. No último tomo da *Iliada* encontrou o manuscrito que segue.

O original está escrito em inglês e é abundante em latinismos. A versão que oferecemos é literal.

I

Que eu me lembre, meus trabalhos começaram num jardim de Tebas Hekatómpylos, quando Diocleciano era imperador. Participara (sem glória) das recentes guerras egípcias, sendo tribuno duma legião que esteve aquartelada em Berenice, frente ao mar Vermelho: a febre e a magia consumiram muitos homens que desejavam generosamente a espada. Os mauritanos foram vencidos; a terra, antes ocupada pelas cidades rebeldes, foi dedicada para sempre aos deuses plutônicos; Alexandria, debelada, implorou em vão a misericórdia de César; antes de um ano, as legiões alcançaram o triunfo, mas eu logrei apenas entrever a face de Marte. Essa privação me doeu e foi talvez a causa de eu me ter lançado, por temerosos e dilatados desertos, à procura da secreta Cidade dos Imortais.

Meus trabalhos, como disse, começaram num jardim de Tebas. Toda essa noite não dormi, pois algo se agitava em meu coração. Levantei-me pouco antes do amanhecer; meus escravos dormiam, a lua tinha a mesma cor da areia infinita. Um cavaleiro vencido e ensangüentado vinha do oriente. A uns passos de mim, caiu do cavalo. Com uma tênue voz insaciável perguntou-me em latim o nome do rio que banhava os muros da cidade. Respondi-lhe que era o Egito, que as chuvas alimentam. “Outro é o rio que persigo”, replicou com tristeza, “o rio secreto que purifica os homens da morte.” Disse-me que sua pátria era uma montanha que fica do outro lado do Ganges e que nessa montanha se falava que, se alguém caminhasse até o ocidente, onde o mundo se acaba, chegaria ao rio cujas águas dão a imortalidade. Acrescentou que na margem ulterior se ergue a Cidade dos Imortais, rica em baluartes, anfiteatros e templos. Antes do amanhecer, morreu, mas eu decidi descobrir a cidade e seu rio. Interrogados pelo verdugo, alguns prisioneiros mauritanos confirmaram a informação do viajante; alguém lembrou a planície elísia, no fim da terra, onde a vida dos homens é eterna; outro lembrou os cumes onde nasce o Pactolo, cujos moradores vivem um século. Em Roma, conversei com filósofos que sentiram que prolongar a vida

do homem era prolongar sua agonia e multiplicar o número de suas mortes. Ignoro se acreditei alguma vez na Cidade dos Imortais: penso que então me bastou a tarefa de procurá-la. Flávio, procônsul de Getúlia, entregou-me duzentos soldados para a empresa. Também recrutei mercenários, que se disseram conhecedores dos caminhos e foram os primeiros a desertar.

Os fatos posteriores deformaram até o inextricável a lembrança de nossas primeiras jornadas. Partimos de Arsinoe e entramos no abrasado deserto. Atravessamos o país dos trogloditas, que devoram serpentes e carecem do uso da palavra, o dos garamantas, que têm as mulheres em comum e se nutrem de leões, e o dos augilas, que só veneram o Tártaro. Fatigamo-nos em outros desertos, onde a areia é negra, onde o viajante deve roubar as horas da noite, pois o calor do dia é intolerável. De longe divisei a montanha que deu nome ao Oceano: em suas ladeiras cresce o eufórbio, que anula os venenos; no cume, vivem os sátiros, nação de homens cruéis e rústicos, inclinados à luxúria. Que essas regiões bárbaras, onde a terra é mãe de monstros, pudessem abrigar em seu seio uma cidade famosa, a nós todos pareceu inconcebível. Prosseguimos na marcha, pois teria sido uma desonra retroceder. Alguns temerários dormiram com o rosto exposto à lua; a febre os queimou; na água corrompida das cisternas outros beberam a loucura e a morte. Então, começaram as deserções; muito pouco depois, os motins. Para reprimi-los, não vacilei no exercício da severidade. Procedi retamente, mas um centurião me advertiu que os sediciosos (ávidos por vingar a crucificação de um deles) tramavam minha morte. Fugi do acampamento, com os poucos soldados que me eram fiéis. No deserto, perdi-os entre os redemoinhos de areia e a vasta noite. Uma flecha cretense me feriu. Por vários dias, erre sem encontrar água, ou por um só enorme dia multiplicado pelo sol, pela sede e pelo temor da sede. Deixei o caminho ao arbítrio do meu cavalo. Na aurora, a distância se criou de pirâmides e torres. Insuportavelmente, sonhei com um rixíquo e nítido labirinto: no centro havia um cântaro; minhas mãos quase o tocavam, meus olhos o viam, mas tão intrincadas e confusas eram as curvas que eu sabia que ia morrer antes de alcançá-lo.

II

Ao desenredar-me por fim desse pesadelo, vi-me atirado e manietado num oblongo nicho de pedra, não maior que uma sepultura comum, superficialmente escavado no áspero declive duma montanha. Os lados eram úmidos, antes polidos pelo tempo que por mão humana. Senti no peito um doloroso latejo, senti que a sede me abrasava. Ergui-me e gritei debilmente. Ao pé da montanha, estendia-se sem rumor um arroio impuro, enturvado por escombros e areia; na margem oposta, resplandecia (sob o último sol ou sob o primeiro) a evidente Cidade dos Imortais. Vi muros, arcos, frontispícios e foros: o alicerce era uma meseta de pedra. Uma centena de nichos irregulares, semelhantes ao meu, sulcavam a montanha e o vale. Na areia havia poços de pouca profundidade; desses minúsculos buracos (e dos nichos) emergiam homens de pele cinzenta, de barba desleixada, nus. Pensei reconhecê-los: pertenciam à estirpe bestial dos trogloditas, que infestam as margens do golfo Arábico e as grutas etíopes; não me surpreendi de que não falassem e de que comessem serpentes.

A urgência da sede me fez temerário. Julguei que estava a uns trinta pés da areia: de olhos fechados, com as mãos atadas às costas, atirei-me montanha abaixo. Afundei o rosto ensangüentado na água escura. Bebi como bebem os animais. Antes de me perder outra vez no sonho e nos delírios, inexplicavelmente repeti algumas palavras gregas: “os ricos teucros de Zeléia que bebem a água negra do Esepo...”

Não sei quantos dias e noites passaram sobre mim. Dolorido, incapaz de recuperar o abrigo das cavernas, despido na ignorada areia, deixei que a lua e o sol jogassem com meu infausto destino. Os trogloditas, infantis na barbárie, não me ajudaram a sobreviver ou a morrer. Em vão, roguei que me dessem a morte. Um dia, com o fio de uma pedra, parti minhas ligaduras. Noutro, levantei-me e pude mendigar ou roubar — eu, Marco Flamínio Rufo, tribuno militar de uma das legiões de Roma — minha primeira detestada ração de carne de serpente.

O desejo de ver os Imortais, de tocar a sobre-humana Cida-

de, quase me impedia de dormir. Como se penetrassem em meu propósito, não dormiam também os trogloditas: no começo, inferi que me vigiavam; depois, que se haviam contagiado de minha inquietude, como poderiam contagiar-se os cães. Para afastar-me da bárbara aldeia, escolhi a mais pública das horas, o cair da tarde, quando todos os homens emergem das gretas e dos poços e olham o poente, sem vê-lo. Orei em voz alta, menos para suplicar o favor divino que para intimidar a tribo com palavras articuladas. Atravessei o arroio turvado de montes de areia e dirigi-me à Cidade. Confusamente, seguiram-me dois ou três homens. Eram (como os demais dessa linhagem) de minguada estatura; não inspiravam temor, mas repulsa. Tive de contornar algumas ribanceiras irregulares que me pareceram pedreiras; ofuscado pela grandeza da Cidade, eu a supusera próxima. Por volta da meia-noite, pisei, eriçada de formas idolátricas na areia amarela, a negra sombra de seus muros. Deteve-me uma espécie de horror sagrado. A novidade e o deserto são tão abominados pelo homem que me alegrei de que um dos trogloditas me tivesse acompanhado até o fim. Fechei os olhos e aguardei (sem dormir) que clareasse o dia.

Disse que a Cidade estava construída sobre uma meseta de pedra. Essa meseta, comparável a um alcantil, não era menos rude que os muros. Em vão dei meus tantos passos; o negro embaçamento não descobria a menor irregularidade, os muros invariáveis não pareciam consentir uma só porta. A força do dia fez com que me refugiasse numa caverna; no fundo havia um poço, no poço uma escada que se abismava na treva inferior. Desci; por um caos de sórdidas galerias cheguei a uma vasta câmara circular, a muito custo visível. Havia nove portas naquele porão e oito davam para um labirinto que falazmente desembocava na mesma câmara; a nona (através de outro labirinto) dava para uma segunda câmara circular, igual à primeira. Ignoro o número total de câmaras; minha desventura e minha ansiedade as multiplicaram. O silêncio era hostil e quase perfeito; outro rumor não havia nessas profundas redes de pedra além de um vento subterrâneo, cuja causa não descobri; sem ruído, perdiam-se entre as gretas fios de água enferrujada. Habituei-me com horror a esse mundo cluvidoso; achei incrível que pudesse existir outra coisa além de

porões providos de nove portas e além de longos porões que se bifurcam. Não sei o tempo que tive de caminhar sob a terra; sei que vez por outra confundi, na mesma nostalgia, a nefanda aldeia dos bárbaros e minha cidade natal com seus cachos de uva.

No fundo de um corredor, um muro não previsto me barrou os passos, uma remota luz caiu sobre ele. Ergui os olhos ofuscados: no vertiginoso, no mais alto, vi um círculo de céu tão azul que chegou a parecer-me de púrpura. Alguns degraus de metal escalavam o muro. O cansaço me relaxava, mas subi, só me detendo às vezes para pesadamente soluçar de felicidade. Fui divinando capitéis e astrágalos, frontões triangulares e abóbadas, confusas pompas do granito e do mármore. Foi-me assim concedido ascender da cega região de negros labirintos entretecidos à resplandecente Cidade.

Emergi numa espécie de pequena praça, ou melhor, de pátio. Circundava-o um só edifício de forma irregular e altura variável; a esse edifício heterogêneo pertenciam as diversas cúpulas e colunas. Mais que qualquer outro traço desse monumento incrível, causou-me admiração o antiqüíssimo de sua construção. Senti que era anterior aos homens, anterior à terra. Essa evidente antiguidade (embora, de algum modo, terrível para os olhos) pareceu-me adequada ao trabalho de operários imortais. Cautelosamente a princípio, com indiferença depois, com desespero por fim, erreí por escadas e pavimentos do inextricável palácio. (Depois verifiquei que eram variáveis a altura e a extensão dos degraus, fato que me fez compreender a singular fadiga que me provocaram.) “Este palácio é obra dos deuses”, pensei primeiramente. Explorei os inabitados recintos e corrigi: “Os deuses que o edificaram morreram”. Notei suas particularidades e disse: “Os deuses que o edificaram estavam loucos”. Disse isso, bem sei, com uma incompreensível reprovação que era quase um remorso, com mais horror intelectual que medo sensível. À impressão de enorme antiguidade juntaram-se outras: a do interminável, a do atroz, a do complexamente insensato. Eu havia cruzado um labirinto, mas a clara Cidade dos Imortais me atemorizou e repugnou. Um labirinto é uma casa edificada para confundir os homens; sua arquitetura, pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim. No palácio que imperfeitamente explorei, a arquitetura carecia de

fim. Abundavam o corredor sem saída, a alta janela inalcançável, a porta aparatosa que dava para uma cela ou para um poço, as inacreditáveis escadas inversas, com os degraus e a balaustrada para baixo. Outras, aderidas aereamente ao costado de um muro monumental, morriam sem chegar a nenhuma parte, no fim de dois ou três giros, na treva superior das cúpulas. Não sei se todos os exemplos que enumerei são literais; sei que durante muitos anos infestaram meus pesadelos. Já não posso saber se esse ou aquele traço é uma transcrição da realidade ou das formas que desatiraram minhas noites. “Esta Cidade”, pensei, “é tão horrível que sua mera existência e perduração, embora no centro de um deserto secreto, contamina o passado e o futuro e de algum modo compromete os astros. Enquanto perdurar, ninguém no mundo poderá ser valoroso ou feliz.” Não quero descrevê-la; um caos de palavras heterogêneas, um corpo de tigre ou de touro, em que pululassem monstruosamente, conjugados e odiando-se, dentes, órgãos e cabeças, podem (talvez) ser imagens aproximadas.

Não recordo as etapas de meu regresso, entre os poeirentos e úmidos hipogeus. Sei apenas que não me abandonava o temor de que, ao sair do último labirinto, me rodeasse outra vez a nefanda Cidade dos Imortais. Nada mais posso lembrar. Esse esquecimento, agora insuperável, foi talvez voluntário; talvez as circunstâncias de minha evasão tenham sido tão ingratas que, em algum dia não menos esquecido, jurei esquecê-las.

III

Os que tiverem lido com atenção o relato de meus trabalhos lembrarão que um homem da tribo me seguiu, como um cão, até a sombra irregular dos muros. Quando saí do último porão, encontrei-o na boca da caverna. Estava atirado na areia, onde desenhava grosseiramente e apagava uma fileira de sinais que eram como letras dos sonhos, que se está a ponto de entender e logo se juntam. A princípio, pensei que se tratasse de alguma escrita bárbara; depois vi que é absurdo imaginar que homens que não chegaram à palavra cheguem à escrita. Além disso, nenhuma das formas era igual a outra, o que excluía ou afastava

a possibilidade de serem simbólicas. O homem as traçava, olhava e corrigia. De súbito, como se esse jogo o enfiasse, apagou-as com a mão e o antebraço. Olhou-me, não pareceu reconhecer-me. Entretanto, era tão grande o alívio que o inundava (ou tão grande e medrosa era minha solidão) que me pus a pensar que esse rudimentar troglodita, que me olhava do chão da caverna, estivera me esperando. O sol escaldava a planície; quando empreendemos o regresso à aldeia, sob as primeiras estrelas, a areia ardia sob os pés. O troglodita me precedeu; essa noite concebi o propósito de ensiná-lo a reconhecer, e talvez a repetir, algumas palavras. O cachorro e o cavalo (refleti) são capazes do primeiro; muitas aves, como o rouxinol dos Césares, do último. Por muito grosseiro que fosse o entendimento de um homem, sempre seria superior ao de irracionais.

A humildade e a miséria do troglodita trouxeram-me à memória a imagem de Argos, o velho cão moribundo da *Odisséia*, e assim lhe botei o nome de Argos e tratei de instruí-lo. Fracassei e tornei a fracassar. Os arbítrios, o rigor e a obstinação foram de todo inúteis. Imóvel, com os olhos parados, não parecia perceber os sons que eu procurava inculcar-lhe. A alguns passos de mim, era como se estivesse muito longe. Deitado na areia como uma pequena e arruinada esfinge de lava, deixava que sobre si girassem os céus, do crepúsculo do dia ao da noite. Julguei impossível que não se apercesse de meu propósito. Lembrei-me de que se diz entre os etíopes que os macacos deliberadamente não falam para que não os obriguem a trabalhar e atribuí a suspicácia ou a temor o silêncio de Argos. Dessa fantasia passei a outras ainda mais extravagantes. Pensei que Argos e eu participávamos de universos diferentes; pensei que nossas percepções eram iguais, mas que Argos as combinava de outra maneira e formava com elas outros objetos; pensei que talvez não houvesse objetos para ele, mas um vertiginoso e contínuo jogo de impressões brevíssimas. Pensei num mundo sem memória, sem tempo; considerei a possibilidade de uma linguagem que ignorasse os substantivos, uma linguagem de verbos impessoais ou de indeclináveis epítetos. Assim foram morrendo os dias e com os dias os anos, mas algo parecido com a felicidade ocorreu uma manhã. Choveu, com lentição poderosa.

As noites do deserto podem ser frias, mas aquela tinha sido um fogo. Sonhei que um rio da Tessália (a cujas águas eu restituíra um peixe de ouro) vinha resgatar-me; sobre a vermelha areia e a negra pedra eu o ouvia aproximar-se; o frescor do ar e o rumor atarefado da chuva me despertaram. Corri para recebê-la, despido. Caía a noite; sob as nuvens amarelas, a tribo, não menos feliz que eu, se oferecia aos vívidos aguaceiros numa espécie de êxtase. Pareciam coribantes possuídos pela divindade. Argos, de olhos erguidos para o céu, gemia; torrentes rolavam-lhe pelo rosto, não só de água, mas (soube-o depois) de lágrimas. "Argos", gritei, "Argos!"

Então, com mansa admiração, como se descobrisse uma coisa perdida e esquecida há muito tempo, Argos balbuciou estas palavras: "Argos, cão de Ulisses". E depois, sem olhar-me: "Este cão atirado no esterco".

Facilmente aceitamos a realidade, talvez por intuirmos que nada é real. Perguntei-lhe o que sabia da *Odisséia*. A prática do grego lhe era penosa; tive de repetir a pergunta.

"Muito pouco", disse. "Menos que o mais pobre rapsodo. Já terão passado mil e cem anos desde que a criei."

IV

Tudo me foi esclarecido naquele dia. Os trogloditas eram os Imortais; o riacho de águas arenosas era o rio que o cavaleiro buscava. Quanto à cidade, cujo renome se havia espalhado até o Ganges, foi assolada pelos Imortais há nove séculos. Com as relíquias de sua ruína ergueram, no mesmo lugar, a desatinada cidade que eu percorri: espécie de paródia ou reverso e também templo dos deuses irracionais que governam o mundo e dos quais nada sabemos, salvo que não se parecem com o homem. Aquela fundação foi o último símbolo a que os Imortais condescenderam; marca uma fase em que, julgando vã qualquer empresa, determinaram viver no pensamento, na pura especulação. Levantaram a obra, esqueceram-na e foram morar nas cavernas. Absortos, quase não percebiam o mundo físico.

Homero narrou essas coisas como quem fala com uma criança.

Também me falou de sua velhice e da derradeira viagem que empreendeu, movido, como Ulisses, pelo propósito de chegar aos homens que não conhecem o mar, não comem carne temperada com sal, nem suspeitam o que seja um remo. Morou um século na Cidade dos Imortais. Quando a derrubaram, aconselhou a fundação de outra. Isto não nos deve surpreender: diz-se que, depois de cantar a guerra de Ílion, cantou a guerra das rãs e dos ratos. Foi como um deus que criasse o cosmos e em seguida o caos.

Ser imortal é insignificante; com exceção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível é saber-se imortal. Tenho notado que, apesar das religiões, essa convicção é raríssima. Israelitas, cristãos e muçulmanos acreditam na imortalidade, mas a veneração que tributam ao primeiro século prova que só crêem nele, já que destinam todos os demais, em número infinito, a premiá-lo ou a castigá-lo. Mais razoável me parece a roda de certas religiões do Indostão; nessa roda, que não tem princípio nem fim, cada vida é efeito da anterior e engendra a seguinte, mas nenhuma determina o conjunto... Doutrinada num exercício de séculos, a república de homens imortais atingira a perfeição da tolerância e quase do desdém. Sabia que um prazo infinito ocorre a todo homem e a todas as coisas. Por suas passadas ou futuras virtudes, todo homem é credor de toda bondade, mas também de toda traição, por suas infâmias do passado ou do futuro. Assim como nos jogos de azar os números pares e os números ímpares tendem ao equilíbrio, assim também se anulam e se corrigem o talento e a estupidez, e é possível que o rústico poema de Cid seja o contrapeso exigido por um só epíteto das *Éclogas* ou por uma sentença de Heráclito. O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta. Sei dos que praticavam o mal para que nos séculos futuros resultasse o bem, ou tivesse resultado nos já passados... Encarados assim, todos os nossos atos são justos, mas também são indiferentes. Não há méritos morais ou intelectuais. Homero escreveu a *Odisseia*; dado um prazo infinito, com infinitas circunstâncias ou mudanças o impossível seria não escrever, sequer uma vez, a *Odisseia*. Ninguém é alguêm, um só homem imortal é todos os ho-

mens. Como Cornélio Agripa, sou deus, sou herói, sou filósofo, sou demônio e sou mundo, o que é uma fatigante maneira de dizer que não sou.

O conceito do mundo como sistema de precisas compensações influiu enormemente nos Imortais. Em primeiro lugar, tornou-os invulneráveis à piedade. Mencionei as velhas pedreiras que sulcavam os campos da outra margem; um homem despeñhou-se na mais funda; não podia lastimar-se nem morrer, mas a sede o abrasava; antes que lhe atirassem uma corda, passaram setenta anos. Tampouco interessava o próprio destino. O corpo era um submisso animal doméstico e bastava-lhe, cada mês, a esmola de umas horas de sono, de um pouco d'água e de uma migalha de carne. Que ninguém nos queira rebaixar a ascetas. Não há prazer mais complexo que o pensamento e a ele nos entregávamos. Às vezes, um estímulo extraordinário nos restituía ao mundo físico. Por exemplo, naquela manhã, o velho gozo elementar da chuva. Esses momentos eram raríssimos; todos os Imortais eram capazes de perfeita quietude; lembro-me de um que jamais vi de pé: um pássaro se aninhava em seu peito.

Entre os corolários da doutrina de que não existe coisa que não esteja compensada por outra, há um de muito pouca importância teórica, mas que nos induziu, em fins ou no princípio do século X, a dispersar-nos pela face da terra. Cabe nestas palavras: "Existe um rio cujas águas dão a imortalidade; em alguma região haverá outro rio cujas águas a apaguem". O número de rios não é infinito; um viajante imortal que percorra o mundo acabará, algum dia, tendo bebido de todos. Propusemo-nos descobrir esse rio.

A morte (ou sua alusão) torna os homens preciosos e patéticos. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissolver-se como o rosto de um sonho. Tudo, entre os mortais, tem o calor do irrecuperável e do inditoso. Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel preságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos. Nada pode ocorrer uma só vez, nada é preciosamente pre-

cário. O elegíaco, o grave, o cerimonioso não vigoram para os Imortais. Homero e eu nos separamos nas portas de Tânger; creio que não nos dissemos adeus.

V

Percorri novos reinos, novos impérios. No outono de 1066, militei na ponte de Stamford, já não me lembro se nas fileiras de Harold, que não tardou em encontrar seu destino, ou se na daquele infausto Harald Hardrada, que conquistou seis pés de terra inglesa ou um pouco mais. No sétimo século da Hégira, no arrabalde de Bulaq, transcrevi com pausada caligrafia, num idioma que esqueci, num alfabeto que ignoro, as sete viagens de Simbad e a história da Cidade de Bronze. Num pátio do cárcere de Samarcanda joguei muitíssimo o xadrez. Em Bikanir, professei a astrologia, e também na Boêmia. Em 1638, estive em Kolozsvár e depois em Leipzig. Em Aberdeen, em 1714, subscrevi os seis volumes da *Iliada* de Pope; sei que os freqüentei com deleite. Por volta de 1729, discuti a origem desse poema com um professor de retórica, chamado, creio, Giambattista; suas razões me pareceram irrefutáveis. No dia 4 de outubro de 1921, o *Patna*, que me conduzia a Bombaim, teve que fundear num porto da costa eritréia.¹ Desci; lembrei-me de outras manhãs muito antigas, também em frente ao mar Vermelho, quando era tribuno de Roma e a febre e a magia e a inação consumiam os soldados. Nos arredores vi um caudal de água clara; provei-a, levado pelo costume. Ao subir à margem, uma árvore espinhosa me feriu as costas da mão. A inusitada dor me pareceu muito viva. Incrédulo, silencioso e feliz, contemplei a preciosa formação de uma gota de sangue. De novo sou mortal, me repeti, de novo me pareço com todos os homens. Naquela noite, dormi até o amanhecer.

...Revisei estas páginas, passado um ano. Parece-me que elas se ajustam à verdade, mas nos primeiros capítulos, e ain-

da em certos parágrafos dos outros, creio perceber algo falso. Isso é efeito, talvez, do abuso de traços circunstanciais, processo que aprendi dos poetas e que tudo contamina de falsidade, já que esses traços podem ser freqüentes nos fatos, mas não na memória deles... Creio, contudo, ter descoberto uma razão mais íntima. Vou escrevê-la; não importa que me julguem fantástico.

A história que narrei parece irreal porque nela se misturam os sucessos de dois homens diferentes. No primeiro capítulo, o cavaleiro quer saber o nome do rio que banha as muralhas de Tebas; Flaminio Rufo, que antes dera à cidade o epíteto de Hekatômpylos, diz que o rio é o Egito; nenhuma dessas locuções é adequada a ele, mas a Homero, que faz menção expressa, na *Iliada*, a Tebas Hekatômpylos, e na *Odisséia*, pela boca de Proteu e de Ulisses, diz invariavelmente Egito por Nilo. No capítulo segundo, o romano, ao beber a água imortal, pronuncia algumas palavras em grego; essas palavras são homéricas e podem ser encontradas no fim do famoso catálogo das naves. Depois, no estonteante palácio, fala de "uma reprovação que era quase um remorso"; essas palavras pertencem a Homero, que imaginou esse horror. Tais anomalias me inquietaram; outras, de ordem estética, me permitiram descobrir a verdade. O último capítulo as inclui; ali está escrito que militei na ponte de Stamford, que transcrevi, em Bulaq, as viagens de Simbad, o Marinheiro, e que subscrevi, em Aberdeen, a *Iliada* inglesa de Pope. Lê-se, *inter alia*: "Em Bikanir, professei a astrologia, e também na Boêmia". Nenhum desses testemunhos é falso; significativo é o fato de havê-los destacado. O primeiro de todos parece convir a um homem de guerra, mas logo se percebe que o narrador não considera o bélico e sim a sorte dos homens. Os que seguem são mais curiosos. Uma obscura razão elementar me obrigou a registrá-los; fi-lo porque sabia que eram patéticos. Não o são, ditos pelo romano Flaminio Rufo. São, ditos por Homero; é estranho que este copie, no século XIII, as aventuras de Simbad, de outro Ulisses, e descubra, muitos séculos depois, num reino boreal e num bárbaro idioma, as formas de sua *Iliada*. Quanto à proposição que traz o nome de Bikanir, vê-se que foi construída por um homem de letras, de-

¹ Há uma rasura no manuscrito; talvez o nome do porto tenha sido apagado.

sejoso (como o autor do catálogo das naves) de mostrar vocábulos esplêndidos.²

Quando o fim se aproxima, já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. Não é estranho que o tempo tenha confundido aquelas que alguma vez me representaram com aquelas que foram símbolos da sorte de quem me acompanhou, por tantos séculos. Eu fui Homero; em breve, serei Ninguém, como Ulisses; em breve, serei todos: estarei morto.

Pós-escrito de 1950. Entre os comentários que a publicação anterior despertou, o mais curioso, já que não o mais urbano, bíblicamente se intitula *A Coat of Many Colours* (Manchester, 1948) e é obra da pena tenacíssima do dr. Nahum Cordovero. Atinge umas cem páginas. Fala dos centões gregos, dos centões da baixa latinidade, de Ben Jonson, que definiu seus contemporâneos com trechos de Sêneca, do *Virgilius Evangelizans* de Alexander Ross, dos artifícios de George Moore e de Eliot e, finalmente, da "narração atribuída ao antiquário Joseph Cartaphilus". Denuncia, no primeiro capítulo, breves interpolações de Plínio (*Historia Naturalis*, V, 8); no segundo, de Thomas De Quincey (*Writings*, III, 439); no terceiro, de uma carta de Descartes ao embaixador Pierre Chanut; no quarto, de Bernard Shaw (*Back to Methuselah*, V). Infere dessas intrusões, ou furtos, que todo o documento é apócrifo.

No meu entender, a conclusão é inadmissível. "Quando se aproxima o fim", escreveu Cartaphilus, "já não restam imagens da lembrança; só restam palavras." Palavras, palavras, deslocadas e mutiladas, palavras de outros, foi a pobre esmola que lhe deixaram as horas e os séculos.

² Ernesto Sábato sugere que o "Giambattista" que discutiu a formação da *Ilíada* com o antiquário Cartaphilus seja Giambattista Vico; esse italiano sustentava que Homero é um personagem simbólico, à maneira de Plutão ou de Aquiles.

O MORTO

Que um homem do subúrbio de Buenos Aires, que um triste *compadrito*¹ sem mais virtude que a ênfase da coragem, se interne nos desertos eqüestres da fronteira com o Brasil e chegue a capitão de contrabandistas, parece de antemão impossível. Aos que assim pensam, quero contar o destino de Benjamín Otálora, de quem talvez não reste nenhuma lembrança no bairro de Balvanera e que morreu, a seu modo, de um balaço, nos confins do Rio Grande do Sul. Ignoro pormenores de sua aventura; quando me forem revelados, hei de retificar e ampliar estas páginas. Por ora este resumo pode ser útil.

Benjamín Otálora, por volta de 1891, tem dezenove anos. É um rapagão de frente pequena, de sinceros olhos claros, com o vigor dos bascos. Uma punhalada feliz revelou-lhe que é homem valente; não o inquieta a morte do adversário, tampouco a imediata necessidade de fugir da República. O caudilho do lugar dá-lhe uma carta para um tal Azevedo Bandeira, do Uruguai. Otálora embarca, a travessia é tormentosa e cruciante; no outro dia, vagueia pelas ruas de Montevideú, com inconfessada e talvez ignorada tristeza. Não encontra Azevedo Bandeira; pela meia-noite, num armazém do Paso del Molino, assiste a uma discussão de alguns tropeiros. Um punhal rebrilha; Otálora não sabe de que lado está a razão, mas o atrai o puro sabor do perigo, como

¹ Desordeiro comum em bairros pobres de Buenos Aires, muito dado a brigas de faca. (N. da T.)